CATEQUESE NO MUNDO ATUAL
Crises, desafios e um novo paradigma para a catequese

Coleção **Catequese Permanente**

PRÉ-EVANGELIZAÇÃO com crianças de 5 a 7 anos

Volume 1: *Conhecendo Jesus*, Orione Silva; Solange Maria do Carmo
Volume 2: *Seguindo Jesus*, idem
Volume 3: *Somos povo de Deus*, idem

EVANGELIZAÇÃO FUNDAMENTAL com crianças de 8 a 11 anos

Volume 1: *Deus é amor*, idem
Volume 2: *Jesus, nosso salvador*, idem
Volume 3: *Espírito Santo nos sustenta (O)*, idem
Volume 4: *Somos Igreja*, idem

CATEQUESE COM ADOLESCENTES (em preparação) de 12 a 15 anos

Volume 1: *Ser livre e ser feliz: os segredos da realização pessoal*, idem
Volume 2: *Viver e conviver: a arte de conviver*, idem
Volume 3: *Compreender o mundo: temas de doutrina social da Igreja*, idem
Volume 4: *Comprometer-se: recordar os pontos fundamentais da fé e preparar os jovens para o compromisso cristão*, idem

SUBSÍDIOS

- *Catequese no mundo atual: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese*, Solange Maria do Carmo
- *Elementos de didática na catequese*, idem
- *Organização paroquial na catequese*, idem

Solange Maria do Carmo

CATEQUESE NO MUNDO ATUAL

Crises, desafios e um novo paradigma para a catequese

PAULUS

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação editorial: *Thais dos Santos Domingues*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Revisão: *Caio Pereira*
Thais dos Santos Domingues
Jennifer Almeida
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Dirlene França Nobre da Silva
Capa: *Marcelo Campanhã*
Ilustração da capa: *Mirella Spinelli*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carmo, Solange Maria do
Catequese no mundo atual: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese / Solange Maria do Carmo. – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Catequese permanente.

ISBN 978-85-349-4358-1

1. Catequese - Igreja Católica 2. Teologia I. Título. II. Série.

16-02841 CDD-268.82

Índice para catálogo sistemático:
1. Catequese: Igreja Católica: Cristianismo 268.82

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4358-1

Para minha mãe, Maria Angélica do Carmo,
e minha irmã, Ana Maria do Carmo,
ambas de saudosa memória,
pela catequese amorosa que delas recebi.

TREM NOTURNO
(*João Ferreira Júnior*)

O trem avança noite adentro,
rasgando o silêncio escuro das grotas.
O terminal, antes lotado,
agora respira com calma serenada:
a maioria dos transeuntes agitados já se foi
em busca de repousar suas canseiras
e refazer as forças para as urgências de amanhã.

Sinceramente,
às vezes duvido de nossa real capacidade
de dirigir a eles uma palavra digna do Evangelho...
Felizmente,
a graça do Mistério e seus caminhos
excedem em muito nossos débeis esforços.

Talvez,
no silêncio dos descansos
ou nos vaivéns dos trens noturnos,
ou nas esquinas das urgências de todos os dias,
quase sempre as mesmas,
o próprio Mistério se diga, a seu modo,
muito melhor do que faríamos nós.
É confortador.

SIGLAS E ABREVIAÇÕES

ACF	Aller au coeur da la foi. In: MARTINEZ, *Proponer la fe*
AD	Decreto *Ad Gentes* do Vaticano II
BAC	Biblioteca de Auctores Cristianos
CD	Decreto do Vaticano II *Christus Dominus*
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe
CR	Catequese Renovada – Doc. CNBB n. 26
CT	Encíclica de Paulo VI *Catequese Tradendae*
DAF	Devenir adulte dans la foi. In: <http://www.catho.be/index.php?id=29>
DAp	Documento de Aparecida
DCE	Encíclica de Bento XVI *Deus Caritas est*
DF	Constituição Dogmática *Dei Filius* do Vaticano I
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DH	Denzinger-Hunermann
DNC	Diretório Nacional de Catequese
Doc. CNBB	Documento da CNBB
DV	Constituição Dogmática *Dei Verbum*
EN	Exortação Apostólica de Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*
Est. CNBB	Estudos da CNBB
ET	Encíclica de Paulo VI *Evangelica Testificatio*
GRECAT	Grupo de Reflexão Catequética
GS	Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Vaticano II
ICP	Instituto Católico de Paris
ISPC	Instituto Superior de Pastoral Catequética
JCCH	Jésus Christ, chemin d'humanisation. In: MARTINEZ, *Proponer la fe*
KVZ	Katechese in veränderter Zeit. In: MARTINEZ, *Proponer la fe*
LCF	Carta dos Bispos aos Católicos Franceses. In: MARTINEZ, *Proponer la fe*
LG	Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Vaticano II
MC	Encíclica de Pio XII *Mystici Corporis*
PFJ	Proposer aujourd'hui la foi aux jeunes. In: MARTINEZ, *Proponer la fe*
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos

SC	Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* do Vaticano II
TNOCF	Texte National pour l'orientation de la catéchèse en France et principes d'organisation. In: *Conferénce des Évêques de France*
UIE	Una Iglesia esperanzada. In: <http://www.conferenciaepiscopal.es/documentos/Conferencia/plan_pastoral_2002.htm>
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
VD	Exortação Apostólica de Bento XVI *Verbum Domini*

Obras patrísticas e medievais

De Dom. Orat.	*De Oratione Dominica* (São Cipriano) = Del Padrenuestro
De Trin.	*De Trinitate* (Santo Agostinho)
S. Th.	Suma Teológica (Santo Tomás de Aquino)

As abreviações bíblicas seguem a tradução da CNBB.

PREFÁCIO

Este livro nasceu de uma paixão antiga que foi fomentada pela prática pastoral em dioceses e paróquias onde atuei ao lado de meu amigo e irmão, Padre Orione Silva, por longos anos. O contato contínuo e ininterrupto, durante vinte anos, com catequistas, catequizandos e suas famílias me fez pensar em investir minhas energias nessa área, e esse livro é resultado de anos de prática e de estudos a respeito. Por todo lado onde trabalhei ecoavam insatisfações dos que se dedicam a esse serviço pastoral. Era questão de percepção, de empatia com o grupo, de escuta. Não demorou muito para percebermos um estranho descompasso entre a beleza e a alegria da Boa-Nova anunciada e o tédio e o rigorismo da catequese que trazia essa notícia; entre a prática e a teologia catequética; entre os pressupostos da catequese em voga e os pressupostos do mundo pós-moderno; entre a gramática existencial com a qual a catequese trabalhava e a gramática existencial de homens e mulheres pós-modernos, tão distinta da primeira.

Passou a nos preocupar o pouco interesse dos catequizandos (tanto crianças quanto adultos), a inadequação da linguagem dos catequistas (em nome da fidelidade à fé da Igreja), o empenho excessivo na transmissão de doutrinas e preceitos morais — principalmente por parte dos ministros ordenados —, a transformação da catequese em aula de religião, sua vinculação necessária ao processo sacramental, sua infantilização etc. Tudo indicava que tanto o processo tradicional da catequese advinda de Trento quanto o processo da catequese renovada, que começou a se firmar no Brasil já antes do Concílio Vaticano II e se estruturou mais ainda depois dele, estavam em vias de falência, exigindo novos caminhos catequéticos. A catequese não cumpria sua função iniciadora; a transmissão da fé se via interrompida e as novas gerações não eram mais mergulhadas no mistério cristão como é próprio da catequese. Sentimos que era preciso procurar novos caminhos.

Foi esse desejo que fez com que Padre Orione e eu nos embrenhássemos na tarefa aventureira de escrever uma coleção de catequese, mesmo antes de eu fazer meu curso de Teologia e de me especializar nessa área. A obra foi gestada devagarinho e seu nascimento foi manso; fomos dando ouvidos aos apelos de catequistas e catequizandos, respondendo aos desejos e aos sinais de satisfação

ou insatisfação que eles nos enviavam ao longo do processo. Os encontros de catequese que os livros sugeriam foram acontecendo nas paróquias; o povo dava o retorno; nós aprimorávamos as propostas dos encontros. Só depois de doze anos a impressão de fundo de quintal dos primeiros livretos — acompanhados de uma fita cassete com as músicas dos encontros — deu lugar a um livro com boa aparência, acompanhado de um CD de músicas, publicado pela Paulus. Foram diversos acertos na metodologia e na teologia que os livros veiculam. Depois de ter cursado Teologia e feito o mestrado em Teologia Bíblica (tudo na FAJE), havia muita coisa a repensar. Desde então a editora tem disponibilizado nossos livros para o uso de catequistas do Brasil inteiro com a coleção *Catequese Permanente* (SILVA; CARMO, 2008-2014), já com oito livros, mais um publicado anteriormente que orienta sobre a didática dos encontros (SILVA; CARMO, 2004) e outros que estão sendo revisados para futura publicação.

Mas não bastava ouvir os catequistas e intuir mudanças necessárias. Nem mesmo bastava escrever livros com encontros um pouco diferentes. Era preciso buscar fundamentação sólida para balizar nossa caminhada. "Onde encontrar pressupostos teológicos que justificassem nossas intuições? Quem mais anda se dedicando a buscar novos caminhos para a catequese? Os problemas catequéticos com os quais deparamos são apenas brasileiros ou se estendem a outros países? Eles têm algo a ver com a mudança de época que vivemos hoje? Que pedagogia seria mais apropriada para a catequese nesses novos tempos? Seria a catequese uma questão apenas de transmissão de conteúdos repassados aos catequizandos? E a experiência cristã de Deus: estaria ela fora do âmbito de ação catequética?" Essas e outras perguntas não paravam de nos atormentar, mesmo depois de eu já ter percorrido a trajetória da graduação em Teologia e de ter feito o mestrado.

Foi quando caiu em minhas mãos o livro *O futuro da catequese*, de Villepelet (2007), único livro do autor traduzido para o português. Foi amor à primeira vista. Para ler suas outras obras, aprendi rapidamente o francês. Era preciso conhecer o autor, que tinha tematizado, com tanta precisão e clareza, intuições que havia muito tempo nos perseguiam e já eram vislumbradas por tantos outros teólogos e catequetas no mundo inteiro, sobretuto na América Latina. E aí um leque maravilhoso se abriu: conhecer novos autores e documentos da Igreja em vários países, congressos, encontros, simpósios, todos preocupados com a temática da catequese em tempos de pós-cristandade. E, dentro desse quadro, a proposta lúcida do *terceiro paradigma catequético* formulado por Denis Villepelet, que se tornou o centro da proposta apresentada neste livro.

A autora

INTRODUÇÃO

Apesar de este livro se dedicar ao estudo do *terceiro paradigma catequético* proposto por Denis Villepelet, teólogo francês pouquíssimo conhecido no Brasil, não achamos necessária uma apresentação do autor, ainda que breve. Deixaremos espaço para sua teologia catequética, que fala por si mesma. A clareza de sua teologia, a ousadia de seu pensar catequético – marcado por seu amor apaixonado por Jesus e pela Igreja – e a responsabilidade ética que emanam de seus escritos fazem sua apresentação. Funcionam como um *curriculum lattes* que mostra sua trajetória de leigo engajado e comprometido com a pastoral da Igreja, de professor de catequética e pesquisador do Instituto Católico de Paris. Sua teologia é uma carta de autoapresentação que dispensa outras formalidades. Por isso, o capítulo primeiro começará com o levantamento do problema de fundo que justifica este livro e não com uma biografia do autor. Ao longo das páginas, o leitor conhecerá Villepelet ou, ao menos, sua teologia, que é o que importa.

Todo o livro seguirá o seguinte esquema. Usemos a metáfora de uma película cinematográfica ou de uma apresentação teatral. Em *primeiro plano*, a teologia catequética de Villepelet. O catequeta francês protagonizará as cenas, como o palco pertence a um grande artista. Villepelet poderá falar abertamente por nossa reflexão. Procuraremos deixar o autor falar, sem interrompê-lo. Ele falará sempre pela leitura que faremos de sua teologia; mas é sempre ele e não a autora quem estará dizendo. Por isso, insistiremos muito nas cansativas expressões de tipo "segundo Villepelet", "para o catequeta francês", "conforme nosso autor", "escreve nosso teólogo" etc.

Num *segundo plano*, para o texto não virar um monólogo, alguns autores dialogarão com ele, mas discretamente. A maioria pertence a seu núcleo de atuação. Estes aparecerão com maior frequência. São autores que contribuíram com a reflexão de Villepelet, ajudando-o a sustentar sua teologia, dando-lhe fundamentos para enveredar na formulação do *terceiro paradigma catequético*. Não são apenas catequetas, mas também filósofos, sociólogos, teólogos, antropólogos, físicos, biólogos, pesquisadores em geral. É o caso de Paul Ricoeur, Edgar Morin, Annie-Charlotte Giust, Thomas Kuhn, Ferdinand Tönnies, Gianni Vattimo, George Balandier, Cornelius Castoriadis, Karl Rahner,

Rudolf Bultmann, Karl Barth, Jean-Louis Souletie, Henri-Jérôme Gagey, Emilio Alberich, André Fossion etc. Alguns nomes menos conhecidos de Villepelet, mas conhecidos nossos, também terão espaço. Estes aparecerão com menor frequência, mas com papel importante. Ganharão voz teólogos da América Latina e até mesmo europeus que não aparecem – ou raramente aparecem – na obra de Villepelet. Recorremos muito à "prata da casa" brasileira, como João Batista Libanio, Joel Portella Amado, Johan Konings, Juan Ruiz de Gopegui, Luiz Alves de Lima, Wolfgang Gruen etc. Mas importamos socorro também de outros países, como é o caso de José Maria Mardones, Donaciano Martínez Álvarez, Henri Derroite, Bernard Sesboüé, Henri Bouillard, Jacques Audinet, Eloy Bueno de la Fuente etc. Em raros casos, esses autores aparecerão no corpo do texto. Eles quase sempre terão a gentileza de não roubar o espaço do autor. Seu papel é amparar a teologia catequética de Villepelet ou, outras vezes, contrapor seu pensamento, mas nunca falar sozinhos.

Em *terceiro plano*, nós mesmos entraremos em cena. Essa atuação se dará de *dois modos*: *antes de tudo*, nós nos faremos presentes como um *narrador*, que tece com sua fala o ambiente e o clima para ajudar a cena a se desenvolver. Vai ganhar corpo nosso gosto apaixonado pela poesia, pela música, pela literatura, pelo cinema, pela arte em geral. Citações de poemas, de versos de canções, de falas de personagens da literatura vão ajudar a construir esse arcabouço para o filme se desenrolar. Que pessoa apaixonada pela literatura brasileira consegue escrever sem se lembrar das "boas tiradas" de Guimarães Rosa ou de Machado de Assis, dos versos de Gonzaguinha ou de Chico Buarque, da poesia de Cecília Meireles ou de Fernando Pessoa? Estes e outros profetas da alma humana entrarão no texto sem pedir licença. Quando menos esperar, o leitor irá encontrá-los pelo caminho. Vou me permitir falar pelos versos deles, esperando sempre que o socorro buscado na literatura alivie a leitura, embeleze o escrito, plenifique a teologia. E, *por fim*, com o intuito de ajudar o leitor a se situar melhor no drama da catequese, estaremos presentes como *comentador*, através de notas de rodapé ou de introduções e conclusões que abrem e fecham o texto.

Este livro se compõe de *cinco capítulos* e ao final deverá ter respondido à seguinte pergunta: "Partindo do pressuposto de que os paradigmas catequéticos hoje vigentes (Trento e renovação catequética) não respondem mais ao momento presente da sociedade e da Igreja, seria o *terceiro paradigma catequético* formulado por Denis Villepelet uma opção pastoralmente viável e teologicamente pertinente?"; ou, formulada de outra maneira: "Há plausibilidade pastoral e teológica na proposta catequética de Villepelet ou ela fere princípios fundamentais dos quais a catequese não pode abdicar?". Essa pergunta pode ser desdobrada, gerando outras perguntas mais específicas, tais como: "Os dois paradigmas catequéticos que hoje prevalecem na prática pastoral de nossa Igreja dão conta dos desafios da pós-modernidade ou será necessário recorrer a um terceiro paradigma, como faz Villepelet? Esse terceiro paradigma por

ele formulado tem pertinência teológica, é viável pastoralmente? Como esse paradigma formulado em terras francesas pode contribuir com a catequese brasileira, tão distinta da realidade europeia?".

Para responder a essas perguntas – gerais ou específicas – daremos passos, propondo perguntas ainda menores em cada capítulo. O *capítulo primeiro* trará o questionamento acerca da falência dos paradigmas catequéticos atuais e tratará da necessidade de um paradigma catequético condizente com a pós-modernidade. Percebe-se hoje a procura por um paradigma catequético distinto dos paradigmas de Trento e da renovação catequética. Então, é preciso perguntar: "Como surgiu a discussão em torno de um novo paradigma catequético? Por que precisamos dele? Estarão nossos paradigmas em crise? Faliu nosso sistema catequético, com sua pedagogia, seus programas, conteúdos e métodos? Nossa catequese não cumpre mais sua função? O que estão dizendo sobre isso o Magistério da Igreja, catequetas e teólogos? Esses sintomas de falência são sentidos só na Europa ou a catequese no Brasil também padece dos mesmos males?".

Para responder a essas perguntas, faremos uma espécie de *status quaestionis* da catequese, sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto. Trata-se de um levantamento bem direcionado, propositalmente tendencioso, como o de um fotógrafo que registra as cenas mais chocantes depois da tempestade. Batemos uma foto da catequese atual, registrada a partir da *perspectiva da gênese do problema*: a crise do sistema catequético, intensificada pela crise da transmissão, pelo fracasso do sistema tradicional de iniciação e pela precariedade da catequese com adultos. Não vamos então nos ater aos sucessos da catequese, suas conquistas, seus valores, às valiosas contribuições dos catecismos de Trento ou da renovação catequética, à situação específica do Brasil etc. O objetivo é ver o desgaste da pastoral catequética atual,[1] ou seja, "o tamanho do rombo" causado pelas intempéries da história na vida eclesial, pouco ajustada a mudanças climáticas que insistem em acontecer, apesar de nossas recusas.

Depois virá um estudo de caso, obtido a partir de contribuições de peritos em ação evangelizadora, considerando o Magistério eclesial e alguns teólogos do mundo todo, inclusive do Brasil. A escolha dos teólogos seguiu alguns critérios: nossa preferência pelo autor, sua projeção no cenário mundial e sua proposta teológica alternativa diante da falência do sistema atual da catequese. Para a escolha dos documentos também levamos em consideração sua importância na reflexão catequética mundial, a língua na qual eles foram escritos ou a possibilidade de tradução em língua acessível à autora,[2] a coerência da refle-

[1] Levantamento válido tanto para o Brasil quanto para o mundo, mas com foco na França, pois nosso autor é francês.

[2] A maioria das obras foi estudada na língua original: francês, espanhol ou italiano. Alguns documentos foram lidos em espanhol, por causa da dificuldade da língua de origem, como é o caso do texto da Conferência Episcopal Alemã, ou porque esses textos não foram encontrados na língua original. Toda a obra de Villeplet foi lida em francês.

xão com o pensamento de Villepelet. Para escolher os documentos brasileiros, levamos em consideração a novidade que eles trazem ou sua importância no cenário brasileiro. No meio dessa reflexão toda, encontra-se Denis Villepelet, que desponta no cenário mundial da catequese como uma voz afinada com seu tempo. Não vamos gastar grande fôlego com nosso autor no primeiro capítulo. Ele aparecerá apenas de relance, como num filme em que o ator principal aparece em meio à multidão, quase anônimo no meio do povo. Na hora certa, ele vai roubar a cena, personalizar o roteiro e protagonizar a película. Neste levantamento sobre a situação da catequese atual, mais importante que apresentar Villepelet é fazer a ambientação de sua atuação, narrando o texto e construindo o cenário.

Depois de apresentado o cenário catequético atual, será importante nos arriscarmos em uma breve retrospectiva pela história que ajudará a entender como se chegou a esse ponto. De novo a metáfora do filme ajuda. O diretor não hesita em recuar no tempo, fazendo um *remake* com episódios do passado que possibilitam a compreensão do drama presente. Então, o momento atual cede espaço para recordações, com uma viagem mágica no túnel do tempo. Recuaremos até o século XVI, por ocasião da Reforma Protestante e da Contrarreforma. Depois daremos um salto para o século XX, por ocasião do Concílio Vaticano II, passando pelos movimentos que o precederam. Assim registraremos as marcas do passado, justificaremos o caminho catequético percorrido até aqui e esclareceremos as prioridades ainda vigentes. O objetivo deste capítulo não é um relato histórico exaustivo, pois o livro não é de história, mas de catequese, assim como nosso catequeta não é teólogo da história, mas da catequese. Apesar disso, será preciso lembrar dados históricos, mas só o suficiente para que os paradigmas catequéticos venham à tona no mar da história. Quem vê um filme, muitas vezes, só entende as cenas da atualidade quando tem acesso aos acontecimentos anteriores. Ao retomar as cenas no tempo, o expectador entende bem qual é a trama do filme, por que o protagonista age daquele modo, por que fez aquelas escolhas etc. É o *segundo capítulo*!

Esse capítulo apresentará brevemente dois paradigmas catequéticos de relevância máxima que se instalaram na prática pastoral e ainda perduram até hoje, apesar dos novos tempos. As perguntas que o orientam são: "Como surgiram esses paradigmas? Que visão teológica sustenta esses modos de fazer catequese? Que pedagogia orienta essa práxis de comunicação da fé? Que reflexões legitimam essas práticas catequéticas?". Desenvolveremos esses paradigmas a partir da teologia catequética do autor que escolhemos estudar. Usaremos os óculos de Villepelet para ver a prática catequética. Daremos os seguintes passos: *primeiramente*, esclareceremos alguns conceitos para não haver desencontros no desenrolar do livro. O conceito de paradigma, que não faz parte do dicionário da catequese, virá da filosofia e da sociologia. Villepelet vai trabalhá-lo a partir de Thomas Kuhn e de Edgar Morin. *Depois*, dois termos muito caros à teologia ganharão centralidade: *fides quae* e *fides*

qua. Retomaremos esses conceitos caros a Santo Agostinho, pois Villepelet entende a catequese como resultado de arranjos combinatórios entre si e, é claro, do sentido que cada um deles adquire ao longo do tempo. *Seguiremos*, então, com a construção sistêmica de um paradigma. Para Villepelet, os paradigmas catequéticos podem ser descritos a partir da interação sistêmica de cinco campos do saber: o campo sociológico, o campo antropológico, o campo eclesiológico, o campo teológico (ou catequético) e o campo pedagógico. Veremos que, para o nosso autor, o ato catequético não se caracteriza por acaso, mas por escolhas bem definidas: pelo tipo de sociedade que prevalece, pelo modo de entender o ser humano nessa sociedade, pela maneira de entender a Igreja e de vivê-la, pela teologia dominante que vigora entre as lideranças religiosas e, por fim, pela pedagogia catequética escolhida para transmitir a fé. *Só depois* deste percurso poderemos nos deter na descrição dos paradigmas. O *primeiro* é sustentado pelo Concílio de Trento e viabilizado por seus catecismos: seu caminho catequético vai da *fides quae* à *fides qua*. O *segundo* é gestado pela renovação catequética e veio à luz no Concílio Vaticano II: faz um percurso da *fides qua* à *fides quae*. Neste capítulo, alguns estudiosos terão importante papel: uns com os quais Villepelet dialoga; outros com os quais nós o fazemos dialogar. O narrador continuará a falar, mas o comentador terá pouca necessidade de se manifestar, fora raras ocasiões. As cenas falarão por si mesmas.

No *terceiro capítulo*, depois de breve volta ao passado, retomaremos o momento atual com seus desafios. Como num filme, o diretor volta ao tempo atual, com o qual iniciou a película. Villepelet, o protagonista do filme que até então vinha atuando com muitos pensadores, vai roubar a cena, apesar de não dispensar outros atores. Pouco a pouco sua teologia ganhará espaço.[3] Vamos procurar perceber a interpelação que o novo tempo, chamado neste livro de pós-modernidade, traz à catequese cristã. As perguntas principais serão: "Houve mudanças significativas na gramática existencial do homem pós-moderno? Que mudanças são essas e quais seus influxos sobre a catequese? Como comunicar a fé ao homem pós-moderno? Que desafios específicos essa nova gramática traz para a catequese hoje, ainda pensada em moldes de cristandade ou, no máximo, de modernidade? A catequese possui ferramentas para enfrentar esses desafios? Terá ela condições de responder aos apelos do homem pós-moderno ou fé cristã e pós-modernidade são incompatíveis?". Para responder a essas perguntas, *o primeiro passo* será lançar um rápido olhar empático e benevolente sobre a mudança de época e a sociedade complexa que se impôs, pontuando, segundo Villepelet, suas principais características.[4] Nem de longe pretendemos esgotar o assunto pós-modernidade ou mudança

[3] Até se impor no capítulo 4.

[4] Vai ser absolutamente necessária essa parada para entender o terceiro paradigma catequético pensado por nosso autor, cuja apresentação se encontra no capítulo 4.

epocal. Há tanta obra sobre esses temas que isso seria impossível, além de fugir do nosso objetivo. Nossa visão da pós-modernidade será através dos olhos de Villepelet. Outros autores, especialmente os com os quais ele dialoga, serão lembrados apenas de relance. Interessa-nos conhecer como nosso autor se posiciona diante desse tempo que tem sido chamado de pós-modernidade. *Depois*, trataremos, ainda sob a óptica de Villepelet,[5] da relação da pós-modernidade com a fé cristã, perguntando-nos se elas são incompatíveis ou se é possível ser cristão ainda hoje neste mundo complexo, em crise. *Por fim*, seguiremos refletindo sobre os desafios que, segundo o nosso autor, a pós-modernidade impõe à catequese: o desafio da interioridade, o desafio querigmático, o desafio pedagógico e o desafio comunitário. O narrador continua presente, emoldurando as cenas; o comentador vai se calando para deixar a voz do protagonista ressoar. Que de novo fique bem claro: outros desafios são levantados por outros autores. Interessa-nos, porém, a postura do catequeta francês que escolhemos estudar.

No *quarto capítulo*, a teologia catequética de Villepelet mostrará de vez a sua cara. O filme terá seu desenlace, com a apresentação do *terceiro paradigma*. Pouco a pouco as cenas se desenrolarão com nosso autor falando quase num monólogo. Cessarão quase por completo as outras vozes; até mesmo a voz do narrador-comentador vai se tornar discreta e esparsa. Vamos deixar Villepelet apresentar sua teologia catequética. Mas, para isso acontecer, formulamos algumas perguntas orientadoras que não nos deixarão nos perder no caminho: "O que permitiu ao catequeta francês formular um novo paradigma para a catequese? Para a formulação desse novo paradigma, que deslocamentos foram realizados e que obstáculos foram vencidos? Como se configura o terceiro paradigma? Quais suas marcas? Que teologia, pedagogia, eclesiologia, antropologia e sociologia o sustentam?". Para responder a essas perguntas, nosso capítulo terá três momentos: *primeiramente* será feita uma breve apresentação dos deslocamentos necessários para compreender a proposta de Villepelet: a fé que passa de instituída a instituinte, o cristão que deixa sua postura de reclusão ou de engajamento para assumir sua presença discreta e dialogal no mundo, a catequese que perde seu papel de mantenedora da fé para se tornar transmissora do Evangelho. *Em seguida*, virão os obstáculos a serem vencidos: obstáculos epistemológicos e conceituais que, não sendo eliminados, impediriam a viabilidade pastoral e a pertinência teológica do terceiro paradigma. *Por fim*, ganhará espaço o caminho catequético proposto por nosso autor: da *fides qua* à *fides qua*, por mediação da *fides quae*. Ao final deste capítulo, o leitor terá compreendido a proposta catequética de Villepelet e terá intuído as implicações pastorais e teológicas do dela. Fecham-se as cortinas do teatro ou acendem-se as luzes do cinema.

---

[5] Ou de autores que o influenciaram, como Souletie.

Mas o livro não acaba aí. Um *quinto capítulo* se faz necessário, dando margem a uma espécie de ressonância do filme. Vão ganhar voz os críticos da catequese e até mesmo os simples expectadores com aqueles comentários inevitáveis que circulam depois da apresentação da obra. Como o ator principal não pode mais atuar depois de fechadas as cortinas, o diretor vai mostrar o rosto e defender seu trabalho, seu elenco, suas escolhas. Adiantar-nos-emos às críticas do leitor e formularemos algumas perguntas que orientarão o capítulo. São elas: "Algum princípio teológico importante da fé cristã se vê preterido diante dos parâmetros que compõem o terceiro paradigma? Estes parâmetros são pertinentes teologicamente? Que ganhos a catequese obtém ao aderir à proposta do terceiro paradigma e a que perdas está sujeita? É viável e pertinente o caminho catequético do terceiro paradigma? Como este paradigma pode contribuir com a catequese brasileira – herdeira tanto da catequese tradicional quanto da catequese renovada, ambas já superadas ou em vias de superação – e como o autor abordado pode nos ajudar nessa busca coletiva por novos paradigmas ou novas formas de catequizar?". Imaginando as críticas que se dirigirão à proposta catequética de nosso autor, procuraremos argumentação teológica para justificar suas escolhas. Para fazê-lo, recorreremos vez ou outra a algum teólogo, mas a argumentação principal virá mesmo da coerência interna da catequese de Villepelet. Esse capítulo se dará em três tempos. *Em primeiro lugar*, repassaremos, um por um, os parâmetros que interagem entre si, formando o terceiro paradigma. Notaremos que há vantagens e desvantagens – pastorais e teológicas – quando a catequese assume esses parâmetros dominantes. Veremos críticas possíveis a essas escolhas. *Em seguida*, refaremos o caminho catequético proposto por Villepelet: da *fides qua* à *fides qua* pela mediação da *fides quae*. Será preciso compreender melhor esse caminho, perceber sua lógica e avaliar perdas e ganhos dessa trajetória. *Terminaremos* nosso livro fazendo uma leitura modesta das implicações do terceiro paradigma para a realidade catequética brasileira.[6]

Ao final de tudo, faremos breve conclusão recapituladora para deixar o elenco se despedir do expectador. Esperamos que, ao final do texto, fiquem claros *dois pontos que nortearam todo o livro*: em primeiro lugar *a tese do autor escolhido*: a proposta catequética de Denis Villepelet, chamada por ele de "terceiro paradigma", que propõe o ato catequético como um caminho que vai da *fides qua* à *fides qua*, pela mediação da *fides quae*. Em segundo lugar, *nosso próprio caminho*: a de que o terceiro paradigma, proposto por Villepelet, tem pertinência teológica e viabilidade pastoral e, por isso, necessita ser estudado

[6] Não temos a menor pretensão de fazer um estudo exaustivo sobre a catequese brasileira nem de achar uma solução pastoral para seus problemas. O interesse do livro é a teologia catequética de Villepelet e não a catequese brasileira; tema, aliás, bastante interessante, mas que não é o foco do nosso livro. Isso não nos impedirá, porém, de refletir sobre nossa realidade, pressupondo-a como conhecida, à luz do que propõe Villepelet.

entre nós e levado em consideração em vista da constelação sociocultural e religiosa no Brasil e na América Latina hoje. Esta é a originalidade deste livro: colocar no cenário teológico-catequético um autor desconhecido no Brasil e ver a pertinência teológica e a viabilidade pastoral de sua proposta catequética em terras brasileiras. Deus nos abençoe nesta aventura!